

A EPOPEIA DO CRUZADOR TAMANDARÉ EM 1955

FERNANDO LUIZ VIEIRA FERREIRA
Coronel do Exército Brasileiro (Ref^o)

Eventos históricos são devidos, evidentemente, a causas, próximas ou remotas, sempre com alguma imprecisão, com a origem quase aleatoriamente determinada.

Tal é o caso ora em estudo: se, afinal, saiu um navio de nossa Esquadra barra afora, com o Presidente da República, personalidade respeitável por todos os títulos, e sua comitiva, no pleno, legal e legítimo exercício da função, sob o fogo de artilharia de nosso Exército, onde fixar a causa remota disso?

Em 1922? 1930? 1935? 1937? 1938? 1945? 1954? Desde quando vinham divididas as Forças Armadas, em parte minadas pelo filocomunismo (com todos os eternos adesistas de ocasião, não inocentes, mas úteis) e, de outra parte, graças a Deus, os verdadeiros democratas sem adjetivos es-

púrios (infelizmente também minados pela mesma espécie de adesistas de toda ordem, veja-se 1964)?

Embora o regresso da Força Expedicionária Brasileira (FEB) tenha exercido grande influência na separação de algum joio fascistóide ainda remanescente do pré-guerra, na área aparentemente integrada por democratas ainda restou fermento, claramente comunista, que se haveria de multiplicar pouco após, sempre com a presença de adesistas-legalistas, provavelmente pouco inocentes, esquecidos da grande traição de novembro de 1935.

O movimento Constituinte com Getúlio – iniciado por orientação comunista externa e engrossado por simpatizantes da ditadura e aproveitadores – e o convite feito por Vargas a Luís Carlos Prestes¹ para que

1 N.A.: Apesar de Vargas ter entregue Olga Benário, mulher de Prestes, à Gestapó.

juntos participassem de comício político no mesmo palanque haveriam de contribuir para o 29 de Outubro de 1945, deposição de Vargas pelas Forças Armadas.

Julgo que a causa remota mais recente se situa no assassinato do Major-Aviador Rubens Vaz, em 1954. Os inúmeros fatos graves e surpreendentes que diariamente se sucediam, muitos ainda não esclarecidos, de algum modo levaram o Presidente Getúlio Vargas ao suicídio, em 24 de agosto de 1954, sendo então substituído pelo Vice-Presidente, Dr. Café Filho, cidadão respeitável e inatacável.

Com problema cardíaco grave, e em meio a séria tensão política, em que se incluíam recursos contra o discutível resultado das eleições que indicaram como vencedor para presidente o Sr. Juscelino Kubitschek, o Presidente Café Filho foi hospitalizado e substituído pelo presidente da Câmara Federal, Deputado Carlos Luz, de Minas Gerais.

Há muito já circulava, especialmente no Exército, um grupo espúrio, de fundo ideológico, publicamente intitulado Movimento Militar Constitucionalista (MMC), em plena vigência da Constituição de 1946, (a mais democrática que nosso País já teve), mas notoriamente denominado, a boca pequena, de Movimento Militar Comunista, remanescente, até certo ponto velado, da antiga Aliança Nacional Libertadora. E tinha adeptos, na ativa e na reserva. Veja-se o 31 de Março de 1964!

*
* *

O Brasil havia adquirido nos Estados Unidos dois cruzadores leves, o USS *Philadelphia* e o USS *Saint Louis*, este mais conhecido como "*Lucky Lou*" ("*Luís Feliz*"), por ter sido o único a escapar, em-

bora avariado, da traição de Pearl Harbour em Honolulu, em 7 de dezembro de 1941. Esta foi a primeira traição. Mais tarde, viria uma segunda, em 11 de novembro de 1955.

No Brasil, estes navios receberam respectivamente os nomes de *Barroso* (Cruz 11) e *Tamandaré* (Cruz 12).

*
* *

Na tarde de 10 de novembro de 1955, o então Ministro da Guerra, General-de-Exército Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott, havia sido pessoalmente notificado pelo Presidente Carlos Luz de que seria substituído pelo General-de-Exército Álvaro Fiúza de Castro, já na reserva, cidadão íntegro, de dignidade inatacável, ex-comandante da Escola Militar do Realengo e até então chefe do Estado-Maior do Exército. A passagem do Ministério ficou determinada, com a concordância pessoal do General Lott, para as 15 horas do dia seguinte, 11 de novembro de 1955.

Com o falecimento do ex-ministro e ex-Presidente do Clube Militar, General Canrobert Pereira da Costa, e seu sepultamento na tarde do dia 10, diversos fatos ocorreram², culminando com o General Fiúza sendo seguramente informado, em sua residência, na Avenida Maracanã, Rio de Janeiro, na madrugada do dia 11, de que a passagem do Ministério não mais existiria.

Ainda incrédulo, procurou reunir desde logo os oficiais que pretendia viessem a integrar seu gabinete, comunicando ao Presidente Carlos Luz as notícias, de que, aliás, já estava este informado. Recebendo, naquela madrugada, confirmação telefônica pessoal do General Lott de que haveria a passagem do Ministério, como havia sido determinado, e por isso mesmo tendo sido

2 N.A.: O espaço disponível para um artigo na *Revista Marítima Brasileira* não nos permite o estudo detalhado de tais episódios.



A BORDO
DO
CRUZADOR
TAMANDARÉ



convocado para reunião no Palácio do Catete, para lá deslocaram-se os oficiais que o acompanhavam em sua residência. Ocorrerá a célebre “restrição mental”!

Cercado o Palácio pelo Batalhão de Guardas, com a presença do Coronel Eduardo Confúcio da Cunha Bastos em nome do Ministro Lott, não aceitou Carlos Luz o “convite” para comparecimento ao Ministério da Guerra, determinando a ida imediata de todos para o Ministério da Marinha, onde o Ministro Amorim do Vale oferecera total segurança e a possibilidade de deslocamento por mar para São Paulo, onde o Governador Jânio Quadros assegurava condições para o pleno exercício da Presidência da República.

Em todo esse episódio, ocorreu uma infinidade de pormenores importantes³.

Enviado ao encontro do então comandante do Grupamento Leste da Artilharia de Costa, Coronel Jardel Fabrício, o Capitão Carlos Ardovino Barbosa atravessou a Baía de Guanabara, a bordo da lancha *Guanabara*, do Ministro Amorim do Vale, para comunicar que o *Tamandaré* iria zarpar com o Presidente a bordo e inúmeros civis e militares não integrantes da guarnição do navio. Comandava a 1ª Artilharia da Costa o General Augusto Frederico Correia Lima.

A bordo encontravam-se os militares Vice-Almirante Carlos Penna Botto, Comandante-em-Chefe da Esquadra; Coronel José Canavarro Pereira, chefe da Casa Militar; Capitão-de-Mar-e-Guerra Sylvio Monteiro Moutinho; Coronel-Aviador Doorgal Borges; Coronel Jurandir Bizarria Mamede (autor do discurso junto ao túmulo do General Canrobert); Capitão-de-Fragata Geraldo de Azevedo Henning; Tenente-Co-

ronel Jaime Portela de Melo; Major Salvador Gonçalves Mandim; Major Heitor de Caracas Linhares; Major Danilo Klães; Major Theotônio Luiz Lobo de Vasconcelos; Major Arnóbio Pinto de Mendonça; Major-Aviador Sérgio Sobral de Oliveira; Capitão-de-Corveta Júlio de Sá Bierrenbach; Major Dickson Melges Grael; Major Cássio Filgueiras de Paula Freitas; Capitão-de-Corveta Renato de Paula e Silva Tavares; Capitão Juércio Osório de Paula; Capitão Fernando Luiz Vieira Ferreira e Capitão Néelson Cibulars, e os civis Carlos Luz, Munhoz da Rocha, Marcondes Ferraz, Prado Kelly, Carlos Lacerda (deputado), Javerte de Souza Lima, José Monteiro de Castro, Joaquim Miguel Vieira Ferreira e Claudir Faria Ribeiro.

A descrição dos mil episódios ocorridos entre a chegada do Presidente Carlos Luz ao Ministério da Marinha e a partida do *Tamandaré* – que às 9h19min desatracou no cais norte da Ilha das Cobras –, com tempo chuvoso e alguma névoa, é longa e plena de curiosidades.

Comandava o navio o Capitão-de-Mar-e-Guerra Sylvio Heck e seu imediato era o Capitão-de-Fragata Edmir de Albuquerque Moreira.

Navegando lentamente, com apenas duas de suas oito caldeiras funcionando, foi o navio ultrapassado por boreste por um cargueiro italiano, retardando para que se divisasse, com total espanto, içado na Fortaleza de Lage, às 10h12min, o sinal “navegação proibida a navios de guerra”.

Prosseguiu o navio, porém, em sua derrota.

Sua missão específica era transportar o Presidente da República até Santos.

3 N.A.: A *RMB* do 2º trimestre de 1990 publica excelente artigo do Vice-Almirante Darly Corrêa, hoje falecido, que muito contribui para o conhecimento dos fatos. Inúmeros outros episódios igualmente importantes para a história, vividos pelo autor, deixam de vir a público exclusivamente por falta de espaço.

Apesar de estar com todo o seu armamento carregado, foram mantidos os canhões em sua posição de travamento, mesmo durante o bombardeio que passou a sofrer a partir das 10h26min, especialmente dos Fortes de Copacabana e Duque de Caxias, tendo este, com seus obuzeiros 280 mm de trajetória indireta, quase vertical, recebido ordem de atirar “na linha-d'água”(!).

Alterado o rumo para não oferecer alvo compensador, aproximou-se o navio da costa leste da Baía de Guanabara, saindo à barra já em ziguezague, de modo a passar entre as Ilhas do Pai e da Mãe, onde recebeu os últimos tiros de 190 mm do Forte de Copacabana. Inúmeros estilhaços atingiram o navio, que já havia balançado fortemente com os 280 mm do Forte Duque de Caxias.

O grupo constituído pelo Capitão-de-Corveta Bienrenbach, Major Danilo Kläes e Capitão Vieira Ferreira permaneceu cobertas acima, não abrigado, presenciando todos os impactos.

Ao todo, o Cruzador *Tamandaré* foi alvo de 22 tiros dos fortes do Exército (dois com munição lastrada), destinados a afundar o navio de qualquer forma.

Vários outros episódios passaram-se ao largo de Santos.

Diante da evolução em terra, já no fim da madrugada de 11 para 12, e da impossibilidade de atracar, embora se houvesse organizado um desembarque preliminar próximo a Caraguatatuba – o autor integrava a equipe –, foi cancelada a operação, em face do risco, por sugestão do Coronel Canavaro. Com isso, determinou o Presidente o regresso ao Rio, com o navio deixando Cotunduba, por boreste, com a guarnição em formatura, uniforme branco, alto-falantes voltados para terra tocando o *Cisne Branco* e a população do Rio sacudindo toalhas brancas ao longo da costa, desde o Joá, saudando o navio.

A acolhida proporcionada pelo Forte São João valeu a seu comandante, Major Jaime da Costa e Silva, o “expurgo” para a Ilha de Fernando de Noronha.

Presos quase todos os oficiais do Exército no Centro Preparatório de Oficiais da Reserva, dois tiveram honras especiais: o Coronel Mamede, na Fortaleza de Santa Cruz, e o Capitão Vieira Ferreira, no Forte Duque de Caxias.

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS> / Golpe de 1954 / *Tamandaré* (CL. Br.) ;

GALEOTA IMPERIAL



Construída em 1808, em Salvador, na época da vinda de D. João VI para o Brasil, a Galeota Imperial foi trazida para o Rio de Janeiro em 1809, onde serviu à Família Real em passeios e deslocamentos pela Baía de Guanabara.

Modelo sem similar em toda a América, esteve em uso até os primeiros governos republicanos.

A Galeota Imperial foi detalhadamente restaurada para compor o acervo do Espaço Cultural da Marinha, à Av. Alfred Agache s/n, Praça XV, ficando exposta de terça-feira a domingo das 12h às 16h45min.